



EDITORAS CARTONERAS E ESPAÇOS DE FRONTEIRA: ENCONTROS E DESENCONTROS

Rita Lenira de Freitas Bittencourt (UFRGS)¹

Resumo: Só no Brasil, há mais de vinte projetos ativos das chamadas Editoras Cartoneras, dentre eles, Dulcineia Catadora (SP), Clãdestina Cartonera (MG), Magnólia Cartonera (PR), Mariposa Cartonera (PE), cArtonerA cArAAtApA (RJ), Vento Norte Cartonero (RS). Uma das leituras possíveis neste ensaio, dá-se a partir da YiYi Yambo Cartonera, com sede em Porta Porã, MS, dirigida por Douglas Diegues, poeta cuja proposta editorial alternativa vem aliada a um tratamento plástico dos materiais e à opção de publicar, preferencialmente, textos que exploram as línguas de fronteira, o português e o espanhol, a partir de uma visada político-cultural que busca incorporar e divulgar traduções e práticas linguísticas subversivas e transnacionais.

Palavras-chave: Cartoneras. Portunhol. Douglas Diegues. Espaço.

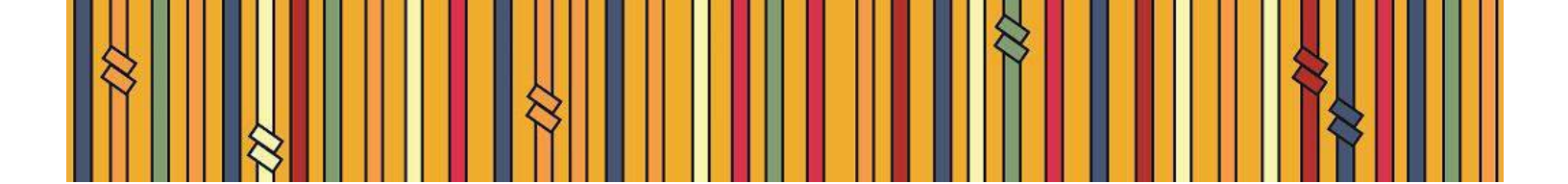
I

Desde a fundação da Cooperativa Eloisa Cartonera, em Buenos Aires, 2003, pelo poeta Washington Cucurto, com a proposta de publicar textos conhecidos e desconhecidos, com capas feitas de papelão recolhido das ruas e pintadas rusticamente por catadores de papel - os cartoneros -, a ideia ganhou enorme simpatia e se espalhou de forma avassaladora. A editora define sua proposta como um projeto social, artístico e comunitário e traz como slogan: Eloísa Cartonera, mucho más que libros".

Depois da oficina de criação de livros ministrada pela editora aos filhos de catadores brasileiros, durante a 27a. Bienal de Arte de São Paulo, em 2006, que tinha como tema "Viver Junto", formou-se a primeira Cartonera Brasileira, a Dulcineia Catadora, com preocupações e práticas semelhantes. De lá pra cá, só no Brasil, segundo pesquisa de Mariana Costa Mendes (2016), há mais de vinte projetos ativos de Cartoneras, dentre eles, Malha Fina Cartonera (SP), Clãdestina Cartonera (MG), Magnólia Cartonera (PR), Mariposa Cartonera (PE), cArtonerA cArAAtApA (RJ), Katarina Kartonera² (SC), Vento Norte Cartonero (RS), etc...

¹ Profª. associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora e Mestre em Literatura (UFSC). Líder do Grupo Estudos de Poéticas do Presente (CNPQ). Contato: rita.lenira@ufrgs.br.

² Enquanto este artigo era escrito e apresentado, após 9 anos de atuação, a Katarina Kartonera anunciou em sua página do Facebook o fim do projeto. Preferi manter a referência, ao mesmo tempo como uma homenagem ao trabalho e como modo de exemplificar concretamente a precariedade e a efemeridade dessas produções.



Essas novas editoras mantêm, às vezes, o caráter inaugural de intervenção política, mas também podem trilhar outros caminhos, tornando-se, por exemplo, uma prática *cult*, que passa de projeto sócio-educativo a experiência plástica. Por conta disso, talvez se possa dizer, hoje, que são tantas e várias as propostas de atuação e intervenção quantas são as Cartoneras independentes que se espalharam pelo mundo, todas funcionando com o auxílio de blogs e sites na internet e com sistemas de compras online.

É importante, em relação a essas produções, destacar a confluência entre certa artesanaria de montagem e a utilização dos meios e suportes digitais. O teórico argentino Daniel Link comenta a respeito do que ele denomina uma "margem incômoda do presente", especialmente em relação à transmissão de imagens: "Esse caráter irrefreável, inocultável da barbárie repousa num dado incontornável de "nossa" cultura: a digitalização, que às vezes aparece pra nós como fácil e tosca, e outras vezes como uma ferramenta contra a guerra imperial." (LINK, 2015, p.19)

Em certo sentido, o fenômeno das Cartoneras levanta novamente as discussões a respeito da arte e da cultura e suas implicações políticas. Diz, ainda, Link: "Caberia hoje a nós, então, examinar as transformações no estatuto da arte no contexto das novas tecnologias de reprodução digital. O que entendemos por arte (sua possibilidade e sua necessidade) não se modifica apenas como consequência de uma mutação da cultura (isto é: dos padrões perceptivos), mas também pela mediação do aparato que se dedica ao controle dos *usos da arte* (esse particular "sistema de excitações"), os museus e suas políticas curatoriais, os arquivos e sua voracidade." (Idem, p. 27-28).

No caso das produções cartoneras, a cibercultura se aliou a preocupações sociopolíticas, didáticas, e contraculturais, formando uma espécie monstruosa, ao mesmo tempo formadora e anti-formal, humanista e tecnológica, artística e avessa às artes e aos mercados. Um bom exemplo é o livro " Tudo lo que você non sabe es mucho más que todo lo que você sabe" teve lançamento simultâneo em seis países: Paraguai, México, Argentina, Chile, Peru e Espanha, com preço que varia o equivalente a 10 ou 20 reais no Brasil. As capas, da YiYi Yambo são pintadas uma a uma e costuradas com fio colorido de fibra de caraguatá feito pelas índias do Chaco Paraguaio - sendo a parte do fio uma fábula de fundação da editora.



II

Uma das leituras possíveis neste ensaio, dá-se a partir da YiYi Yambo Cartonera, com sede em Porta Porã, MS, dirigida por Douglas Diegues, poeta que desde seu primeiro livro, "Dá gosto andar desnudo por estas selvas" (Curitiba: Travessa dos Editores, 2002), escreve em uma mescla de línguas entre o português e o espanhol, por ele denominada de "portunhol selvagem" ou "portuñol salbaje". Sua proposta editorial alternativa vem aliada a um tratamento plástico dos materiais e à opção de publicar, preferencialmente, textos que exploram as línguas de fronteira, a partir de uma visada político-cultural que busca incorporar traduções e práticas linguísticas subversivas e transnacionais.

O Portunhol Selvagem começa a ser notado e anotado em publicações poéticas em 2002, pelas mãos de Douglas Diegues, denominado, na citação acima, de "Don Douglas"³. Em 2003, além de publicar o primeiro livro, criou seu blog *Portunhol Selvagem*⁴. Ao longo do ano de 2003, juntaram-se a ele outros escritores e o movimento ganhou algum público e espaço nas mídias.

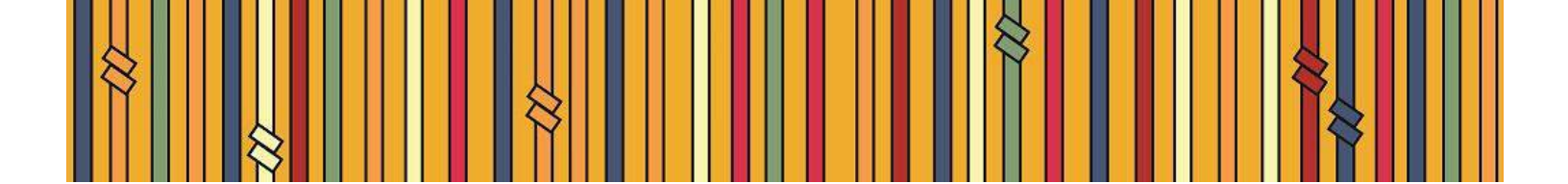
Para Diegues: "Existem vestígios de lo proto-portunhol selvagem enquanto escritura em algunas páginas de Sousândrade, Oswald de Andrade, Haroldo de Campos, Héctor Olea, Wilson Bueno, Nestor Perlongher, Antonio Fraga..." (Diegues 2008 apud Reis 2010: 139). A listagem inclui escritores conhecidos, cujos textos são também publicados por editoras convencionais.

Por outro lado, das experimentações com o Portunhol Selvagem surgem desdobramentos interessantes como os da Astromántica Cartonera, em Vigo, na Espanha, que se dá em espaço universitário. E o das Meninas Cartoneras, também na Espanha, que envolve alunas em nível de ensino médio e surge para discutir questões de gênero.

Poderia citar mais alguns projetos: os brasileiros Mariposa Cartonera, que mantém seus projetos no âmbito social e ajuda a dar visibilidade a grupos marginalizados, e dominicano Cartonera de los suicidas, inspirado na literatura contundente do escritor Roberto Bolaño sem perder o pé das produções populares.

³ Douglas Diegues, poeta brasiguayo-carioca, (nascido no Rio de Janeiro, filho de mãe hispano-guaraní e de pai brasileiro), radicado na fronteira da cidade do sul matogrossense de Ponta Porã com a cidade paraguaia de Pedro Juan Caballero.

⁴ <http://portunholselvagem.blogspot.com.br/>



Ambos também asseguram a mobilidade e flexibilidades cartoneras e dão continuidade a projetos que não se enquadram passivamente em listas classificatórias de editais.

III

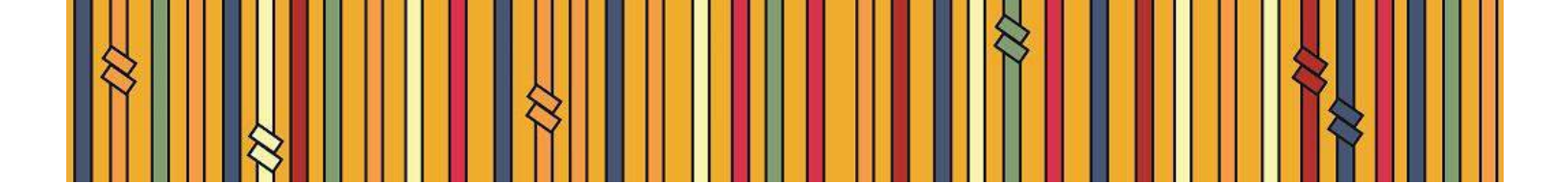
Heloisa Cartonera, Dulcineia Catadora e Mariposa Cartonera promovem uma perturbação de fronteiras socioculturais: fazem convergir o lixo e o luxo; desenvolvem certa estética da pobreza; aproveitam materiais alternativos e incluem mão de obra marginal/marginalizada em seus projetos sociais.

Yiyi Yambo e astromántica acrescentam pesquisas linguísticas e traduções que não deixam de ser transcrições, no melhor sentido dos irmãos Campos: Portunhol selvagem e Transportunhol Borracho, no caso da YiYi Yambo/ e gallego-persa-castellano, no caso da Astromántica. Desta última, vale citar o importante trabalho, bilíngue, que é o "Poema "Está roto o corazón do meu xardín/Tristeza por la muerte de mi jardín" de la poeta persa Forugh Farrozzad (Teherán, 1939-1967). A artista, que também é conhecida como diretora de cinema: dirigiu "en 1962 el documental *La casa es negra* considerado como una de las películas más bellas del cine iraní", diz a apresentação do trabalho na página da Editora. A tradução do poema para o espanhol é de Mina Shayan, uma iraniana que é aluna de pós-graduação na Universidade de Vigo.

Já as Cartonera de los Suicidas, Dulcineia, YiYi Yambo mantêm referências literárias incontornáveis (Bolaño, Cervantes, toda a literatura canônica transportunhalizada da nossa tradição). Quase todas publicam textos literários de autores conhecidos, doados às editoras; mas também publicam novos autores ou desconhecidos (algumas até anunciam: "publique seu livro conosco", sem deixarem muito claros os critérios editoriais, além dos que são exibidos nos sites).

Uma singularidade: A carioca Cartonera CARAAAtapa, fundada em 2013 pelos artistas Amora Pêra e Pedro Rocha, publica textos mimeografados. E declara em sua página do facebook (<https://www.facebook.com/CarboneraCaaatapa/>):

Mimeógrafo é mimesis, não é como a foto cópia que reproduz fotograficamente um modelo, gerando uma cópia. Na utilização do mimeógrafo produz-se uma matriz na máquina de escrever ou de próprio punho, com auxílio do carbono. O mimeógrafo imita essa matriz nas folhas que são rodadas nele. O autor, pessoalmente, bate seu texto e roda o mimeógrafo. Além do caráter experimental, de se produzir um texto específico para este Livro objeto, a cArtonerA



cArAAApA gera encontro, diálogo e movimenta a produção literária dos autores que participam dela. O leitor encontra um livro muito barato e singular.

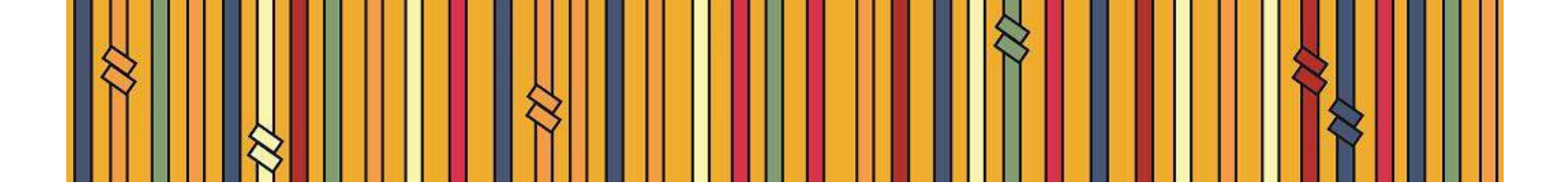
No caso do livro de mimeógrafo, o miolo em letra azul também foge do convencional e não apenas a capa. Acrescente-se ainda o cheiro do álcool e toda a sujeira inevitável.

Por outro lado, o fato de algumas dessas editoras publicarem Cesar Ayra, Néstor Perlongher, Josely Vianna Baptista, Manoel de Barros, Wally Salomão, Ricardo Piglia, traduções de Baudelaire, de poetas japoneses e norteamericanos e também o fato de alguns desses projetos estarem ligados ao meio acadêmico das artes e das letras nos convence de que se tratam de projetos ambivalentes, que, em alguns lugares, rompe apenas parcialmente com a literatura oficial e seus parâmetros. Veja-se, por exemplo, a lista abaixo de alguns intelectuais cartoneros:

- Ademir Demarchi – poeta e criador as Sereia Ca(n)tadora (Itajaí, SC).
- Sergio Medeiros – Escritor, prof. da UFSC e um dos mentores da Katarina Cartoneira (Florianópolis)
- Ana D'Angelo – Jornalista e uma das sócias da Dulcineia Catadora (SP)
- Douglas Diegues – Poeta e criador da YiYi Yambo (Campo Grande, MT)
- Washington Cucurto (Santiago Veja) - poeta, narrador e um dos idealizadores da Eloísa Cartonera (Buenos Aires, AR)

Colocadas essas questões, penso que seria um tanto ingênuo supor que esse movimento que olha para as ruas e também para as academias praticasse uma política cultural autônoma. Para além das fricções, no entanto, com formas diferentes de montagem e fatura, segundo Hellen Maria Vasconcelos, da Malha Fina Cartonera (SP), as cartoneras "reivindicam uma nova relação entre o autor, o livro e o leitor, e uma nova visão sobre a produção e distribuição dos livros". Ao insistir em certas práticas político-pedagógicas, montam um projeto anacrônico e desejante de poéticas e leituras em movimento. E, como afirma o teórico e escritor argentino Daniel Link (2015), retornando ao mote clássico, "a poesia é uma arma carregada de futuro".

Talvez no futuro do presente, a literatura estaria na diferença mínima de ler um livro de, por exemplo, Manoel de Barros, impresso em papel comum, com diagramação



meio improvisada e capa de cartão pintado em cores primárias. Ou na diferença enorme de ler um livro impresso em papel comum, com diagramação meio improvisada e capa em cartão pintado em cores primárias, de um autor/escritor anônimo, desconhecido para mim (sua leitora) e ignorado pela academia.

Referências

Astromántica Cartonera. Site:

<https://astromanticacartoneira.wordpress.com/>

CARNEIRO, Daniele e ROCHA, Juliano. Site:

http://www.bibliotecasdobrasil.com/2016/09/conheca-lista-de-editoras-cartonerado_31.html

Cartonera CARAAAtApA. Página do Facebook:

<https://www.facebook.com/CartoneraCaraatapa/>

Cartonera de los suicidas. Blog:

<https://suicidasrd.wordpress.com/>

Dulcineia Catadora. Site:

<http://www.dulcineiacatadora.com.br/>

Eloisa Cartonera. Site:

<http://www.eloisacartonera.com.ar/>

MENDES, Mariana Costa. Site:

<https://malhafinacartonera.wordpress.com/2016/05/11/as-cartoneras-pelo-mundo/>

Meninas Cartoneras. Blog:

https://astromanticacartoneira.files.wordpress.com/2014/10/que_es_meninas_cartonerass.pdf

Vento Norte Cartonero. Página do Facebook:

<http://www.facebook.com/ventonortecartonero/>

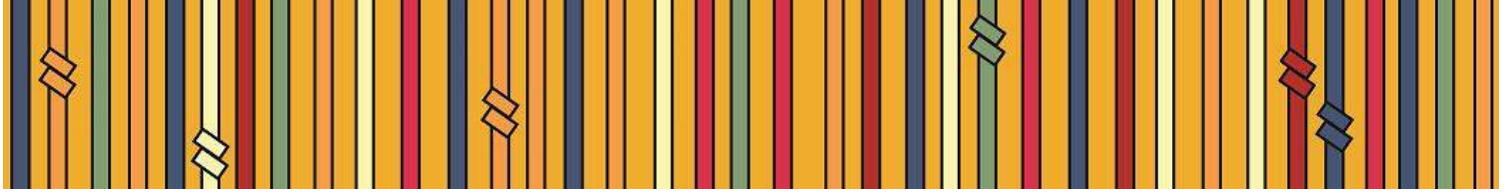
YiYi Yambo Cartonera. Blog:

<http://yiyijambo.blogspot.com.br/>

Referências bibliográficas

LIMA, Andrea Terra. *A estética do (in)desejável: uma margem catadora*. Dissertação. PPGLetras: UFRGS, 2009.

LINK, Daniel. *Como se lê*. Trad. Jorge Wolff. Chapecó: Argos, 2002.



“Orbis Tertius, la obra de arte en la época de su reproducción digital”. VII Congresso Internacional da Abralic, Mediações, Belo Horizonte, 2002.

Suturas: um breviário. Trad. Marcelo Reis de Mello e Renato Rezende. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

WALTY, Ivete. *Douglas Diegues*. Rio de Janeiro, EdUerj, 2012.